

Daniele Borges Bezerra¹

Resenha

TEGA, DANIELLE. *TEMPOS DE DIZER, TEMPOS DE ESCUTAR: TESTEMUNHOS DE MULHERES NO BRASIL E NA ARGENTINA.* SÃO PAULO FAPESP; INTERMEIOS, 2019.

¹ Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural; Professora substituta no Departamento de Antropologia e Arqueologia (UFPEL), Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAnt- UFPEL). E-mail: borgesfotografia@gmail.com.

Como tornar comunicáveis as memórias da dor, diante de ouvintes insensíveis? Na obra *Tempos de dizer, tempos de escutar: Testemunhos de mulheres no Brasil e na Argentina* (TEGA, 2019), Danielle Tega, toca numa dimensão delicada e quase inaudita do passado recente no Cone Sul. Trata-se das experiências femininas de cárcere e violência no contexto das ditaduras militares ocorridas no Brasil e Argentina. Em sua obra, densa tanto em termos conceituais, quanto em termos empíricos, a autora chama atenção para a violência de gênero como estratégia política de demolição subjetiva, enquanto instrumento de tortura. Um processo que passa pelo corpo, e pela identidade feminina, e nele deixa suas marcas, de modo diverso do que ocorreu em relação a outros grupos seviciados pelos torturadores.

A obra, composta de seis capítulos distribuídos em 271 páginas, trata da significância dos testemunhos femininos em oposição ao silenciamento engendrado pela política ditatorial, que fazia desaparecer, e ao machismo estrutural sobrevivente, que incide sobre o próprio tempo do testemunho, relacionado ao tempo da escuta. Nesse sentido, o ponto central desta obra é o imperativo ético da transmissão de “memórias difíceis” (Cf. MENEGUELLO, 2014; BEZERRA, 2019), elaboradas por mulheres que sobreviveram ao cárcere e decidiram narrar experiências de difícil assimilação. Experiências ancoradas na memória e no corpo feminino, um corpo que se tornou território de batalha, por ter sido acionado como objeto de tortura, um corpo tido como “frágil” (na ótica patriarcal) que ora é objeto de desejo e ora objeto de repulsa por seus algozes. Um corpo violado em sua subjetividade e direitos, sob a acusação de conduzir uma ideologia indisciplinada, um corpo transformado em objeto, vilipendiado, fragmentado, cuja reconstrução subjetiva passa pela manutenção dos afetos, pelo imperativo das memórias e sua transmissão.

Nesse sentido, a amizade, o acolhimento e o reconhecimento destas mulheres como companheiras de infortúnio foram, conforme evidenciado pela autora, fundamentais para o fortalecimento e a recuperação das mulheres que foram torturadas e violentadas¹. Um aspecto de extrema relevância para se pensar os processos de resistência à desumanização em espaços de isolamento e violência física ou simbólica.

Com relação ao processo de extroversão das memórias traumáticas, a autora chama atenção ao fato que muitos testemunhos só vieram a público décadas após os acontecimentos, o que está relacionado ao tempo de elaboração das experiências e a cenários políticos e sociais mais, ou menos, propícios ao acolhimento destas narrativas. Além disso, como fica claro ao longo do livro, é necessário um espaço de escuta, de modo que enquanto muitas mulheres, ainda durante o cárcere, escreviam cartas e diários concentrando na escrita de si² uma expectativa de futuro,

¹ A autora diferencia a tortura física das violações sexuais, evidenciando que a violência física e psicológica promovida contra a mulher estava direcionada a sua sexualidade e à maternidade. Uma relação de dominação/sujeição dos corpos, relacionada à posição transgressora, de quase igualdade, ocupada pelas mulheres nas militâncias, mas também em associação perversa ao estereótipo da mulher como “puta”, uma mulher que não está em casa, cumprindo seu papel subserviente.

² Para Alessandro Portelli a escrita de si o envolve “imaginação, simbolismo e desejo de emergir” (PORTELLI, 1997, p.32). Portanto, “arquivar a própria vida é querer testemunhar” (ARTIÈRE, 1998, p.25).

agindo contra o silenciamento, outras mulheres só cederam ao exercício doloroso da escrita quando sentiram-se convocadas por outras/os a narrar tais eventos.

Em ambos os casos, seja um processo doloroso ou catártico, essa materialização da memória – que passa pela reorganização subjetiva e pela autoafirmação da identidade feminina num contexto de disputas pela memória – é um projeto político que exprime um desejo de escuta. Então, se as memórias traumáticas tendem a recalcar-se manifestando-se na forma de sintomas, torna-las tangíveis é uma forma de (re) existir, em que “o ato de escrever [corresponde à] necessidade de afirmar sua sobrevivência pela escrita e transmissão da experiência” (TEGA, 2019, p. 162), pois como afirma Georges Perec “para existir, é preciso um suporte” (idem, p.70). Assim, durante o trabalho de memória, que envolve a reconstrução de uma experiência situada no tempo e no espaço a partir da rememoração, a escrita em si e a escrita de si coincidem e estão empenhadas no processo de “submeter a herança a inventário” (RICOEUR, 2007, p.101), e nesse processo o desejo de memória coincide com o “desejo de escuta” do qual nos fala Danielle Tega.

Nesse ínterim, a autora aborda diversos suportes de transmissão das memórias, agenciados por estas mulheres, brasileiras e argentinas, que decidiram narrar experiências partilhadas sobre os horrores da ditadura, mas também sobre suas estratégias de apoio mútuo. Por meio do exame atento de cartas, poemas, livros e filmes a obra evidencia as relações entre forma e conteúdo, opções que sem apelo dramático buscavam o equilíbrio para o que podemos chamar de uma justa narrativa. Assim, tal como Paul Ricoeur (2007) ao propor o conceito de uma “justa memória”, resultante do equilíbrio entre o desejo de lembrar e a necessidade de esquecer, a pesquisadora atem-se ao imperativo de pensar a transmissão das narrativas testemunhais, numa relação de reciprocidade entre o emissor e o receptor, de modo a tornar a experiência acessível, sem preencher as lacunas do que não pode ser dito, mas apenas imaginado por cada um/a. Com isso, revela-se o trabalho de memória como um trabalho de montagem que ganha forma através da arte, um campo político de produção sensível, e um meio privilegiado de transmissão desta e outras memórias incômodas (Cf. BEZERRA, 2019).

Portanto, é a partir do trabalho de memória agenciado por esses corpos e suas narrativas que categorias como: gênero, sexualidade, maternidade, amizade³ e resistência são acionadas fazendo do corpo mesmo, um meio de ressonância, uma ponte entre o passado recente e o presente, em assustador retrocesso político. Uma realidade que a autora não deixa de abordar, justamente, porque o sentido desse trabalho de memória é político e, como tal, deve servir não apenas para reconhecermos os erros do passado, mas para fazer-nos refletir sobre nosso próprio presente. Para nos tornarmos sensíveis e eticamente engajados a ponto de não sermos coniventes, para que coisas como estas não se repitam. Nunca mais!

³ A autora também faz uso da expressão “maternagem” que diz respeito ao acolhimento das mulheres torturadas por mulheres na mesma situação. O que, num sentido psicanalítico, auxilia no processo de reconstrução subjetiva das mulheres violentadas em situação de cárcere.

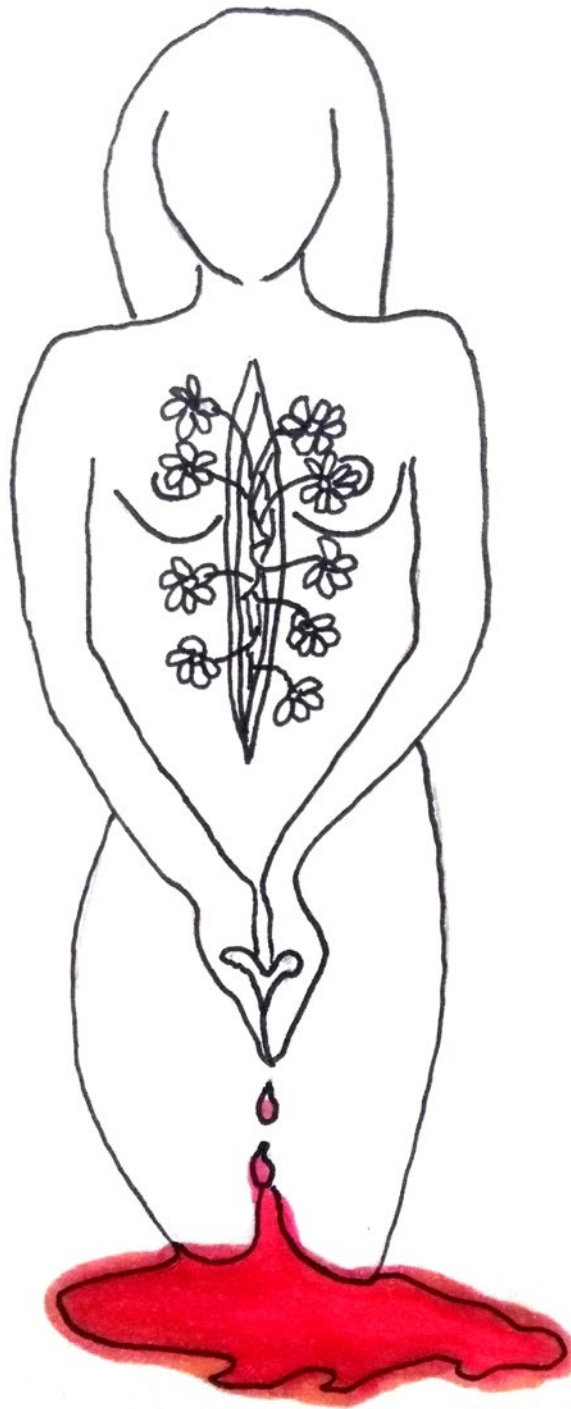


Figura 1: Desenho de uma afecção. Tentativa de elaboração das emoções suscitadas durante o processo de leitura do livro.
Autora: Daniele Borges Bezerra

No entanto, oferecer este tipo de escuta “acolhedora”, eticamente comprometida, requer que sejamos ouvintes ativos em nossa condição de perceber as experiências narradas, apreendendo suas fraturas e silêncios como resultantes de experiências que não podem ser completamente traduzidas em palavras, mas que se tornam possíveis pela via da imaginação. Trata-se de um exercício sensível que implica na disposição de sofrer com elas para tornar-se, então, testemunhas “por tabela” (POLLAK, 1992). Desenvolver sensibilidade diante de tais fatos, portanto, requer comprometimento. É necessário sair da zona de conforto, romper

com a apatia e estar disposto a alcançar a gravidade da experiência vivida e compartilhada por estas mulheres.

Talvez esta seja a maior contribuição desta obra, evidenciar que “apesar de tudo” (Cf. DIDI-HUBERMAN, 2003) e todos os horrores narrados, mesmo com o reconhecimento do protagonismo, sofrimento e resistência destas mulheres, ainda é fundamental considerarmos se vivemos mesmo “tempos de escutar”. Porque afinal, não basta ler, assistir, escutar, é necessário deixar-se “afetar” (FAVRET-SAAD, 2005) por estas memórias compartilhadas. Caso contrário, que efeito teria a profusão de tais narrativas sobre ouvintes insensíveis?

Para concluir, o livro de Danielle Tega é uma obra de referência nos estudos sobre violência do Estado, violência de gênero e memória, ampliando nosso conhecimento sobre as ditaduras latino-americanas, além de constituir um inventário de testemunhos ancorados a partir de diversos suportes e linguagens. De modo que, essa resenha não teve por objetivo resumir suas ideias, mas despertar o interesse dos leitores e leitoras para que se sintam convocados a imergir em seu livro por inteiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRE, PHILIPPE. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos históricos**. V.11, nº 21, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em 06 de fev. de 2018.

BEZERRA, Daniele B. **A RESSONÂNCIA AFETIVA DAS MEMÓRIAS COMO MEIO DE TRANSMISSÃO PARA UM PATRIMÔNIO DIFÍCIL: MONUMENTOS EM ANTIGOS LEPROSÁRIOS**. 2019. 520f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Les Éditions de Minuit, 2003.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução: Paula Siqueira. **Cadernos de campo**. nº 13, 155-161 p. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 12 de jun. de 2017.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios sombrios, memórias difíceis. In FLORES, Maria Bernadete Ramos; PETERLE, Patricia (org). **História e arte: herança, memória e patrimônio**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**. São Paulo, vol. 14, p.25-39, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em 12 de jul de 2018.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François (et al.). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TEGA, Danielle. **Tempos de dizer, tempos de escutar: testemunhos de mulheres no Brasil e na Argentina**. São Paulo FAPESP; Intermeios, 2019.